Spártacus

Ano I — Numero 4 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 23 de Agosto de 1919

Previsões práticas

E' impossivel, compreendem todos, preestabelecer o que será, em todas as suas particularidades, a organização social comunista.

Todavia podemos e devemos preestatuir normas gerais, conceber o regimen ideal e o seu funcionamento, um fim a que tenderemos para realizar os *principios* do comunismo.

Eis algumas dessas normas práticas:

I. O territorio de cada paiz será dividido em zonas federadas, cada zona em municipios e cada municipio em comunas.

II. A divisão por zonas e municipios obedecerá, quanto possivel, ao criterio do *eucumeno* geografico, isto é, á feição particular de cada uma atinente ao genero de industria a explorar ou á distribuição das populações.

III. Em cada comuna os trabalhadores se reunirão em classes, conforme os seus ofícios, manuais ou intelectuais.

IV. Cada classe resolverá, nas suas assembléas, tudo quanto tocar aos serviços comunais de sua especialidade.

V. Para coordenação e direção dos serviços e para execução das medidas tomadas nas assembléas, haverá *conselhos* comunais, municipais, federais e um internacional.

VI. Cada classe de uma comuna escolherá um delegado para o conselho comunal; cada conselho comunal um delegado para o conselho municipal; cada conselho municipal um delegado para o conselho federal e cada conselho federal um delegado para o conselho internacional.

VII. O conselho comunal cuidará dos interesses da comuna, executando as resoluções das assembléas, dirigindo a produção, transporte e distribuição dos produtos, o serviço de estatistica, a conservação dos melhoramentos, direção do ensino primario e das artes, embelezamento, festas, correspondência, etc., etc. O conselho comunal se reunirá diáriamente e será revezado por turnos semanais ou mensais.

VIII. O conselho municipal cuidará das relações entre as comunas, da troca dos produtos entre elas, do ensino secundario, da requisição e permuta dos trabalhadores, dos serviços intercomunais, etc., etc. Reunir-se-á uma vez por semana.

IX. O conselho federal cuidará das relações entre os municipios, do ensino superior e profissional, da formação de professores, dos trabalhos materiais importantes na zona que lhe coubér, da instalação de uzinas, fábricas, laboratórios, observatórios, estaleiros, etc., podendo requisitar os trabalhadores necessários de acôrdo com os conselhos municipais e as assembléas comunais. Esse conselho se reunirá uma vez por mês e seus delegados se revesarão em turnos anuais.

X. O conselho internacional cuidará das relações entre os paizes, da armazenagem e distribuição dos produtos, da requisição e permuta de trabalhadores entre os paizes, da navegação internacional, dos grandes trabalhos de interesse universal, materiais, intelectuais ou artisticos, etc. Esse conselho funcionará permanentemente, revezando-se por turnos trienais.

XI. Os delegados não gozarão de nenhum privilégio, nem serão dispensados de seus serviços profissionais, sinão quando suas funções de delegado lhes absorverem todo o tempo.

XII. Além dos conselhos, haverá congressos municipais, federais e internacionais de classes, onde os representantes de cada classe discutirão os assuntos especiais de cada serviço. Por exemplo: o congresso de professores, composto de um representante, professor, de cada comuna no município, ou de cada municipio na federação, ou de cada federação no congresso internacional, discutirá as questões de educação e ensino.

XIII. Nêsses congressos serão apresentadas as invenções, os processos novos, os métodos, que, expostos pelos autores e discutidos, serão enviados ás comissões técnicas para estudo e experiência, até adoção ou rejeição final.

XIV. O ensino superior e profissional será ministrado em *universidades* constituídas em comuna, onde se instalarão laboratórios, uzinas, hospitais, escolas, etc., modelares.

XV. Os professores universitários de cada especialidade constituir-se-ão em comissão técnica para exame das novas invenções, processos cientificos, métodos de ensino, exame de livros didáticos, etc.

XVI. Cada comuna terá serviço completo de assistência médica e dentária, com o respectivo hospital.

XVII. Nos logares mais apropriados serão instituidos *sanatórios* modelares.

XVIII. As horas de trabalho em cada comuna serão reguladas pelas necessidades sociais, ficando o horário a cargo do conselho comunal.

XIX. Os trabalhos serão distribuidos em cada serviço atendendo-se ao vigor fisico e capacidade dos trabalhadores, cabendo ás mulheres os mais leves.

XX. Os serviços repugnantes ou insalubres se farão por turnos entre os trabalhadores homens de cada comuna, sem exceção.

XXI. Os cargos de direção técnica em cada serviço serão confiados aos mais competentes a juizo dos próprios trabalhadores associados e não conferem nenhum privilégio.

XXII. Cada comuna adotará o seu regimen doméstico, podendo depois, por meio dos congressos, chegar-se a um sistema único, o mais prático possivel.

XXIII. Nenhuma casa poderá ser habitada nem nenhuma escola, fábrica, teatro, etc. instalados, sem consentimento da comissão técnica de higiene.

XXIV. Cada familia ocupará uma casa independente, com bastante capacidade para todos os seus membros.

XXV. A construção das casas será fiscalizada pela comissão de arquitetos e higienistas.

XXVI. A construção de templos e confecção de petrechos para os cultos serão trabalho exclusivo dos crentes, fóra do trabalho comum de produção.

XXVII. A formação dos sacerdotes de cada culto será tambem serviço extraordinário, a cargo dos crentes reunidos em irmandade ou confraria.

XXVIII. O casamento ou o desquite se fará por simples registro na séde do conselho comunal, podendo cada casal realizar as cerimônias religiosas que entender nas suas igrejas.

XXIX. Ninguem poderá eximir-se do trabalho produtivo sob pretexto de religião.

XXX. As federações entender-se-ão mútuamente para facultar o mais possivel as viagens por toda a Terra e o estágio de estudantes em paises diferentes para estudo prático das linguas e manejo da lingua internacional. Essas viagens se farão muito facilmente, ocupando-se os viajantes em serviços da sua profissão pelos comunas onde se fixarem temporáriamente.

XXXI. Todo o trabalhador tem direito a férias que serão reguladas conforme o permitirem as necessidades coletivas.

XXXII. Os loucos serão internados em quintas especiais onde serão tratados cientificamente, pelos processos mais brandos.

XXXIII. A punição dos crimes será da alçada exclusiva da comuna que se reunirá em assembléa especial, nomeará comissão de inquérito, julgará conforme o processo e instituirá ela mesma a pena que entender.

* * *

Eis o esboço de uma constituição comunista. Ha de ser forçosamente incompleta. Peço aos camaradas que em torno dêsse esboço travem discussões e sugiram outras idéas essenciais.

JOSÉ OITICICA

B. B. B.

De quando em vez desaba sobre a terra uma nova calamidade mantida em suspensão pelas emanações mefiticas da decomposição social.

Sobre Pernambuco caiu a trindade sinistra dos tres B., Borba, Barreto e Bezerra, que foram nas semanas findas os incomparaveis devastadores do socego e da honra daquela nobre terra.

Qual o peior? Cada um deles poderá por si só arruinar o universo como normalmente o faz qualquer politico de fama.

Os tres juntos, ou os tres a pelejar de mistura, então, fazem num dia o que a fome e a peste não o conseguiriam num ano.

Foi o que se viu no Recife, na Victoria, no Cabo, em Garanhuns.

Sangue, saques, mortes, ruinas, todo o lugubre cortejo das devastações do voto delirando nos moldes do sufragio popular.

Nós passamos em silencio essa tragedia politica dos B.B.B. porque isso é um vulgarissimo episodio da tragedia maior desenrolada na civilização capitalista e no estado soberano. Mas não podemos calar a nossa indignação ante os gestos conjugados daqueles tres furiosos para captar, empolgar ou abocanhar o movimento social encetado pelo proletariado pernambucano independentemente das infamias politicas em jogo.

Por fortuna não foi possivel áqueles cangaceiros chamar a si as reivindicações operarias.

Os malfeitores politicos ficarão como sapos atolados no seu eterno charco, emquanto lentamente e seguramente o proletariado pernambucano vai abrindo a larga estrada de suas reconquistas de permeio aos assaltos e aos destroços semeados pela cobiça dos tres negregados avançadores.

D. E.

"SPÁRTACUS"

4.000, 6.000, 8.000 exemplares... Aqui estamos, no 4.º n. de Spártacus, *com uma promissora tiragem de 8.000 exemplares. Isso prova que* Spártacus, *embora modestamente, sabe exprimir os estos de revolta e os anceios de esperança das massas proletarias. Mas ha muito ainda que fazer pela difusão do jornal, camaradas. Imensa é a obra que temos a realizar, e imenso necessita ser o orgam dessa obra.*

The Times of Brazil é o titulo dum periodico inglez, que se edita em S. Paulo — *a paper for english reading people,* jornal para a colonia ingleza... Ora, esse orgam do colonialismo britanico no Brazil já em dois numeros seguidos que tem feito referencias á nossa propaganda anarquista, citando nominalmente *A Plebe* e *Spártacus*, e exigindo do governo brazileiro energicas medidas contra nós.

E' imenso!

A Plebe e *Spártacus* são dois jornaes retintamente brazileiros, redigidos e colaborados quasi que exclusivamente por brazileiros. Não retiramos disso nenhuma gloria especial, mas esse é o facto iniludivel, e como brazileiros, a igual de todos os brazileiros, que reclamamos e exercemos o direito de intervenção, sob o ponto de vista das nossas idéas, nas coisas e nos assuntos brazileiros.

E disso não temos que dar satisfações a quem quer que seja, e muito menos aos representantes e aos caixeiros de Sua Graciosa Magestade Britanica.

Isto aqui por emquanto ainda não é totalmente uma colonia africana.

Indesejaveis? Sobre esta questão, nós outros, trabalhadores nascidos no Brazil, temos tambem que falar: para afirmar que os verdadeiros indesejaveis, nesta terra, são, entre outros, os tubarões da finança e do comercio inglezes, sugadores das energias do povo obreiro do Brazil, e contra eles saberemos como agir, a seu devido tempo.

Ainda outro dia, a população operaria dos suburbios servidos pela companhia ingleza Leopoldina ofereceu uma bela amostra do modo como teremos que agir contra os piratas britanicos que nos exploram..

Maximo Gorki

Mais uma vez nos transmite o telegrafo a noticia do fuzilamento de Maximo Gorki. Desta vez, porém, com esta diferença: que o dão como fuzilado pelo inimigo, em cujas mãos teria cahido prisioneiro, com outros maximalistas.

Em verdade, a noticia não nos sorprehende, tanta vez tem sido repetida. Mas as circunstancias com que a rodeiam agora são bem outras e merecem consideração especial.

Ao ser Gorki fuzilado pelos bolchevistas, da primeira, segunda, terceira vez, todos os jornaes burguezes do mundo saltaram de indignação, profligando a crueldade assassina da guarda vermelha, que não poupava siquer a vida ilustre do romancista glorioso... etc., etc.

Agora dão-n'o como fuzilado pelos mercenarios letões a soldo do reacionarismo cosmopolita e anti-bolchevista e... com lagrimas de crocodilo, limitam-se a lamentar a morte do glorioso romancista... etc., etc.

Mas agora gritamos nós:

— Assassinos! Assassinos! Assassinos!

Todas as armas

Na batalha geral travada entre a sociedade nova e a velha e cujo desfécho não deixa mais duvidas a ninguem, os vencidos de amanhã acharam o meio de prolongar a luta e remover o inevitavel desastre, lançando mão de todas as armas contra os seus adversarios.

O desesperado recurso da burguzia e do estado capitalista é naturalmente repelido por nós outros, os anarquistas, que, como sobreviventes da velha lealdade humana, ainda nos batemos com as armas naturaes da razão, da justiça e do direito.

Em verdade, as vanguardas da nossa legião inerme vão se socorrendo dos elementos de fôrça que o acaso lhes proporciona, reunidos dispersamente pelo instincto de defesa, mas que são armas brancas empunhadas por mãos tão calosas quão inexperientes.

O proletariado, a gente amalgamada nas ruas pela nudez e pela miseria, os bandos heterogeneos do grande rebanho dos redis industriaes, levantam-se, a cada sopro de metralha e chicote, com os punhos cheios de gestos e manifestos rabiscados de gréves, armas secundarias que dão vagamente idéa da força e muito remotamente a perspectiva da victoria.

Um ou outro desesperado, as victimas da lei, postas por fim fóra da lei, fabricam bombas inócuas e as arremessam dentro das proprias trincheiras, sacrificando os seus irmãos imbeles.

E depois, quando batidos e capturados, rendidos á discreção, esses pobres soldados de uma idéa semi-obscura e semi-luminosa, armam-se ainda da prece á justiça, que é o gladio sinistro e nú a relampejar no trabalho especial da foice que séga friamente a herva rasteira da humanidade e se detém em continencia em frente aos grandes troncos carcomidos.

E a batalha impiedosa e furiosa continúa, continúa e continuará emquanto a força adestrada e cruel não cansar o braço secular que a maneja pela cegueira do impulso inicial. Entretanto, como si não bastasse á formidavel desproporção material das armas que a burguezia empunha para a defesa de suas rapinas, das suas exações e das suas injustiças contra as victimas que as fabricaram, ainda o estado capitalista se lembrou de trazer para o campo da luta o enorme arsenal herdado de todos os beligerantes que os precederam.

E' a calunia, arma da religião, é a insidia, arma da filosofia, a confusão, arma intelectual, a injuria, arma politica, o ridiculo, arma mundana, a corrupção, arma policial: todas, todas as armas, visíveis e invisiveis, empregadas pela necessidade de conjurar a inevitavel derrota.

Do combate corpo a corpo aos duelos á distancia, da emboscada ás retiradas, da surpreza aos estratagemas, a burguezia vêsga e sinistra não se peja de fazer valer a sua força insensata, brutal e cobarde. O sentimento da irresponsabilidade ganhou os corações gangrenados dos reacionarios que sentem enfraquecerem-se-lhes os punhos e fugir-lhes o terreno sob as patas.

E nós? Que fazemos nós no ardor dessa batalha imensa? Morremos e sofremos como fanaticos que se aprazem de ter razão e que esperam do outro mundo a recompensa evaporada neste.

Chamam-nos de bandidos os bandidos, acusam-nos do recurso á força esses forçados de armas até os dentes, pretendem que lançamos a desordem e o panico entre inocentes, esses celerados que se ocultam atraz dos inocentes.

Serenamente os anarquistas batem-se nús, pontificando e comentando Kropotkine e Proudhon; aqui e ali, gestos que Laurent Tailhade aplaude como estéta, e de 1871 a 1917 uma comuna esmagada a ferro e fogo e um maximalismo enlameado por todas as torpezas da censura. Quando ao sol de todos os climas a bandeira gra e vermelha tremula ao cimo de uma cidadela da Baviera ou da Hungria, um universo inteiro de furiosos se abate sobre os peitos nús dessas vanguardas épicas.

Faz-se o espanto, faz-se o panico nos animos cobardes dos vencedores de hoje, e a cada quéda de sua coragem moral e fisica, a burguezia desenterra dos arsenaes as armas enferrujadas e envenenadas dos seus bugres e com elas inundam os campos adversarios.

Lealdade? Velha e ridicula ficção de ingenuos. Bravura? Preconceito enterrado por Cervantes na leitura de D. Quixote. Honestidade? Melindres de donzelas de internatos. O qua vale é o facto na sua irrevogavel brutalidade e na sua nudez sinistra.

A burguezia nos aponta os metodos da luta, pelos meno aos impacientes, aos que não comprehendem como isso dura tanto depois de saber que isso não dura muito. Contra armas, armas, conforme a natureza, natureza igual. O inimigo é o inimigo; o odio chama-se odio e o amor chama-se amor.

Na furia implacavel dessa luta entre dois mundos que se enfrentam, o mundo dos revolucionarios nús contra os reacionaries de armadura de aço, é preciso que o ferro se choque contra o ferro e não contra as idéas; é preciso seguir o inimigo no seu processo sumario de eliminar as palavras de perdão e de piedade, e responder golpe por golpe os ataques furiosos do agressor.

A anarquia teorica e resplandescente jamais conquistará a terra já regada do suor, do sangue e das lagrimas humanos no periodo infinidamente longo da esperança da justiça. A humanidade educada nos quarteis, nas fabricas, nas academias e nas repartições pelo estado capitalista só crê na força que ele vê truculenta e cobarde. E' pela força que a razão conquista. Sabei vós, camaradas do sonho e do ideal, que a vossa angustia é fructo do desarmamento descuidado e ingenuo em que fundamos a victoria irrespondivel. Pesarão em nossas mãos inexpertas as armas de alto calibre porque nos pesam na consciencia as de baixo calibre da alma da burguezia. E a menos que nós não sejamos por determinismo apenas sombras da humanidade vindoura, que a pequena e sadia humanidade que nos resta faça apelo ás armas, a todas as armas capturadas ao inimigo nesta interminavel batalha que havemos de ganhar.

Domingos Ribeiro Filho.

A PLEBE diaria

Não poucos foram os obstaculos que se atravessaram á frente da iniciativa dos nossos camaradas de S. Paulo. Mas foram todos vencidos, um a um, e assim teremos, finalmente, a começar do proximo dia 1 de setembro, a nossa querida "A Plebe" a publicar-se diariamente.

Com os amigos do valente orgam da nossa propaganda em S. Paulo, nós tambem gritamos, cordealmente:

— Viva "A Plebe" diaria!...

RERUM NOVARUM

Duas "Varias"

Todos sabem que «*Varias*» é a mais importante secção do maior jornal da America do Súl, o maior em formato e creio que em pezo de papel e de opinião. Uma «*Varia*» do *Jornal do Comercio*, que vê, felizmente, a luz nesta capital, tanto pode determinar uma revolução na politica, como uma revolução na Bolsa, a quéda e o desprestigio de um ministro, ou a quéda e a dissolução de uma grande empreza mercantil. Uma simples «*Varia*» deste poderoso orgam pode fazer mudar (e assim tem sucedido) a opinião de todos os altos poderes do paiz, qualquer que seja o assunto em debate.

Isto é tão positivo e essa influencia é tão manifesta e indiscutivel que eu me recordo, ainda com certo temor, da maneira triunfal e ovante com que juizes do Supremo Tribunal, em 1917, votavam a favor da expulsão dos operarios de S. Paulo, fundados, como eles diziam, n'uma «*Varia*» do *Jornal do Comercio*, que reclamava a maior severidade e a maior energia contra os perturbadores da ordem, naturalmente estrangeiros e anarquistas.

Ora a proposito deste orgam eu tive, ha dias, ou ha noites, um sonho singular. Esta cidade do Rio de Janeiro estava literalmente em pé de guerra. Fôra declarada a gréve geral, e, em poucas horas, duzentos mil trabalhadores entregavam-se ao saque e á revolução. A' meia noite a situação era bastante indecisa e, de certo, ainda favoravel ao governo. Neste momento, sem saber como nem porque, eu encontrava-me na redação do *Jornal do Comercio* e vi que ia ser composta a seguinte «*Varia*»:

«A' hora em que escrevemos esta noticia, bandos de desordeiros contumazes, anarquistas ou o quer que seja, praticam o saque nos diferentes bairros da capital. Dizem-nos que enfrentam a força armada, a qual, por isso, está fazendo funcionar as suas metralhadoras. Chegam-nos a todo o instante informes detalhados do que está ocorrendo na cidade, e tudo faz prever que antes da madrugada a situação esteja de todo normalizada.

As energicas medidas repressivas adoptadas pelo sr. presidente da Republica estão obtendo o mais completo exito.

Ainda, desta vez, pois, falhará bemaventuradamente, o golpe tentado por essa horda de desclassificados, bandoleiros chegados de todas as procedencias, contra o poder publico e as nobres e liberrimas instituições que felizmente nos regem.

Não somos politicos, nunca fomos politicos. Isto nos deixa á vontade para solicitarmos das autoridades do paiz todos os rigores de exepção para os promotores e cumplices desta nova mashorca.

Vivemos da paz, da prosperidade do comercio e da industria.

E' em nome desses interesses—os primeiros e os mais altos da nação—que reclamamos a punição dos culpados. Esta punição — o governo deve sabel-o — não poderá ser a simples deportação ou encarceramento.

O derramamento de sangue, que os acontecimentos já produziram, só o derramamento de sangue saberá punir.»

Mas isto era á meia noite. A's duas da madrugada o meu sonho continuava ainda e, em sonho, continuava eu tambem na mesma redação do mesmo *Jornal do Comercio*. Alguem telefonava, chamando com insistencia. Bandos de *reporters* entravam de roldão, esbaforidos e a gesticular. Cercavam a mesa do redactor principal. Logo depois eu vi e ouvi que mandavam retirar a primeira «*Varia*». A segunda, em substituição, dizia assim:

«A revolução comunista, iniciada hontem á noite, está victoriosa nesta capital e nas principaes cidades do paiz. Não lastimamos o sucesso, como não o aplaudimos. Não somos comunistas, mas somos liberaes e, antes de tudo, visamos o bem do povo, que deve ser tambem o fim unico e exclusivo de todos os governos sabios e justos.

Não somos comunistas, devemos repetil-o, como não somos e nunca fomos politicos.

Si, entretanto, a ordem comunista promover o bem estar geral, como é dever de toda a ordem constituida, não hesitaremos em aceitar essa doutrina economica, que, sendo justa como o é nos seus principios, devia produzir, em toda a parte, os melhores resultados praticos.

Nao temos acreditado no comunismo, porque acreditamos pouco nos homens e nos seus sentimentos altruistas.

Está constituida uma junta revolucionaria. Dela fazem parte nomes acatadissimos. São todos moços de prestigio entre o elemento operario. São, alem disso, ilustrados, inteligentes e sinceros.

Oxalá a experiencia seja benevola e benevola tambem a conducta para com os inimigos de hontem e os vencidos de hoje, respeitaveis em todos os tempos, e, em todos os tempos, protegidos pela victoria».

Roberto Feijó

10, 20 ou 30 anos

Com a gréve dos graficos ocorrida esta semana, os mastodontes da imprensa capitalista reeditaram os pesados e refalsados argumentos de condenação ao gesto dessa classe de trabalhadores que teve um tardio mas magnifico despertar.

E desses argumentos, um nos parece o mais jesuitico e o mais imbecil de todos, e consiste em fazer ver aos graficos que eles se aventuram á gréve fazendo o sacrificio do futuro, pois que muitos são carregados de familia e têm 10, 15, 20, 25 ou 30 anos de serviço que ficarão comprometidos ou perdidos.

Pensando, bem não sabemos si isso é pilheria, si é insulto, si é ameaça ou si falta de peior.

Então o facto de ter um desgraçado tantos ou quantos anos de trabalho é a razão capital de sua submissão? e essa submissão está na razão inversa ou directa do tempo em que curvou a cerviz?

E não será por acaso a mais descarada das insinuações essa de lembrar ás velhas bestas de carga a sua tradição de servilismo e cobardia?

Realmente custa a crer em tão soezes e tão insolentes fórmas de deprimir as reivindicações de uma classe inteira. Um tal apelo aos anos perdidos é uma brutal confissão da exploração sistematica que o tempo sancionou e que o habito tornou indispensavel.

Tudo isso porque os grevistas esqueceram de incluir nos *itens* de suas reivindicações todos aqueles anos de que se locupletaram os patrões e ao fim dos quaes só resta ás victimas o recurso da gréve para alcançar o que o sacrificio lhes negou.

Grandissimos tratantes!

D. E.

COM OS CORREIOS

Temos recebido inumeras reclamações de assinantes e pacoteiros, que não recebem SPÁRTACUS.

A irregularidade do serviço nos Correios é velha e revelha. Mas consta-nos que, com referencia a SPÁRTACUS, ha "ordens" especiaes para o subtrahir e inutilizar e até queimar...

Será isso verdade?

Aqui transmitimos essas reclamações, que nos fazem, aos senhores dos Correios. Esperamos sejam elas devidamente atendidas. Ou quererão os senhores dos Correios, que são pagos pelo povo para o servir, tomar sobre os hombros a responsabilidade e os riscos, a que se sujeitarão, si continuam a proceder assim tão policialmente?

"Quem me avisa meu amigo é..."

Santo António e as moças

(FABULA)

Cinco moças solteiras
(Porque ha solteiras velhas), como a sorte
Custasse muito a dar-lhes companhia
E não tivessem geito para freiras,
Temendo mais o barricão que a morte,
Combinaram reunir-se em confraria.
Elas sós; a irmandade era secreta
E o fim era pedir a Santo António
Um marido qualquer, mesmo coxo ou pateta.
Todas por uma e uma por todas,
Iam forçar o santo a lhes dar matrimónio.
Já se viam de véu nas festanças das bôdas,
Beijando o maridinho,
Muito anchas, a afrontar as moças tias.
Dito e feito. Arranjaram o oratório,
Trocaram por dinheiro um santo bem feitinho,
Compraram velas, incensório,
Panos de renda, azeite e outras mercadorias.
E rezaram! Nunca houve santo mais querido,
Mais chaleirado, mais acêsamente
Servido por uns olhos mendigantes
De virgens doidas por marido.
Mas o droga do santo era cepo ou dormente.
Aqueles seios palpitantes
Vasaram, por tres anos, ais de fogo
E queimaram, nos ais, as esperanças.
O santo ficou surdo a tão seguido rôgo
E aquelas almas fieis e mansas
Como recurso aflito, por proposta
Da mais velha das cinco,
Resolveram tornar o culto mais pomposo,
Rezar com mais afinco,
Pois a gente do céu do que mais gosta,
A julgar pelo culto adotado na Igreja,
E' de arame, pomada e histórias do Trancoso.
«Aumentemos a cota; seja!»
Concordaram as cinco...
Um ano mais de idade
Na ladeira dos séculos rolou...
E o santo, na habitual ociosidade,
A nenhuma das cinco apaziguou!!!
Ora, em plena sessão do quinto ano de espera,
Ao fixarem as cotas trimestrais,
A mais moça das tres, que indignada já ia
Na trigesima quarta primavera,
Disse: «Caras irmãs, isso é demais!
O santo, como prova esta crua experiência,
Não livra moça alguma de ser tia.
E' um bolas! Vamos, pois, cuidar de um meio sério
Confiadas tão somente em nossa diligência».
Discutida a proposta com critério,
Aprovaram: *primeiro*, empregar a quantia
Novamente votada em pó de arroz, carmim,
Creme Simon, loções, carvão, coisas enfim
Que as podesse tornar mais novas e bonitas;
Segundo, frequentar a roda dos catitas
Que, partindo do *flirt*, vão dar no matrimónio,
Cavar marido, em suma; e, finalmente,
Como um desforço, justo e consequente,
Jogar no lixo o Santo António.

JOSÉ OITICICA

Todos inculpados
— OU —
Ninguem criminoso

Nietzsche já sustentava em sua «Genealogia da moral» que não existe (elle não considera o dicionario) nem *bom* nem *mau*, nem *bem* nem *mal*, nem *virtude* nem *vicio*, nem *melhor* nem *peior*.

O *melhor* é o antites e do *peior*, e vice-versa.

Não podemos conceber uma pessôa ou cousa *melhor*, si não tivermos conhecido uma outra que será a *peior*. E do mesmo modo não distinguiriamos o *bom*, si não conhecessemos o *mau*; e vice-versa.

Chame-se, porém, o *bom*, o *bem*, a *virtude*, o *melhor*, o *normal*, porque nos satisfaz e nos agrada e corresponde de algum modo aos nossos desejos e ás nossas concepções. E dentro desta consideração perfeitamente facil de ser conferida, chame-se de *anormal* o *mau*, o *mal*, o *vicio*, o *peior*.

Poucas vezes a analogia é bom argumento. Mas em se tratando de individuos, entidades humanas, poder-se-á fazer esta comparação:

O individuo são é o *normal*; o individuo doente é o *anormal*, quer esteja *atacado* de bexiga, quer esteja *atacaco* do figado, quer esteja *atacado* das faculdades mentaes.

Si o individuo é, pois, *anormal*, o é porque alguma *determinante* existe, o é porque está *atacado* de alguma enfermidade ou peste ou malaria.

Verifica-se, portanto, que quando o individuo deixa de ser *normal* e passa a ser *anormal* é porque ha uma *determinante* que assim o faz *anormal*, é porque está *atacado*.

E' o que exatamente se dá com o individuo perante a sociedade.

Ninguem é criminoso. Ninguem pratica o *crime* expontaneamente, sem que no seu acto-crime intervenha a *determinante*, a causa do efeito.

Suponhamos que amanhã seja revogada a lei que obriga todo o homem a ser soldado.

Continuará a ser um *crime* não se apresentar no tempo marcado. E será *criminoso* o individuo que se tiver insurgido contra essa *lei*, que não quizer aprender a lidar com instrumentos de destruição e morte?

Claro que não. Com a abolição de tal *lei* terão desaparecido *crime* e *criminosos*.

E assim será com todas as *leis* e *crimes* e *criminosos*.

Os codigos geralmente fundamentam a responsabilidade na *livre vontade* do individuo que praticar o *crime*.

Mas todo o individuo que pratica um *crime*, que pratica um acto qualquer classificado *crime* pelos jurisconsultos de hontem e de hoje, não o faz *livremente*, mas sim *determinado*, *obrigado*, pela existencia de absurdos chamados *leis obrigatorias*, ou pela *necessidade* de atender o seu eu, que será desta ou daquela *anormalidade*, ou por *necessidade* de satisfazer um direito natural, seja o de sua conservação, seja o da satisfação de um desejo, para cuja satisfação faltam *os outros meios* que não são *crimes*.

O soldado que mata na guerra não é *criminoso*, porque não são considerados *crimes* os assassinios que pratica. E' que mata *por ordem*, *obrigado*.

No emtanto o acto é perfeitamente igual ao que pratica o que vae para as penitenciarias condenado a trinta anos, apenas variando o numero de mortes...

Em verdade não é culpado o soldado que assassina na guerra. Tambem é verdade que é inculpado todo e qualquer individuo que pratica um acto tido como *crime* pelos codigos.

Tanto eles como outros praticam taes actos *obrigados*, quer *por ordem* de outros individuos, quer por *determinantes* decorrentes da actual sociedade... São, portanto, inculpados, irresponsaveis, imerecedores de penas...

E toda a pena que lhes fôr imposta é uma injustiça, é uma arbitrariedade dos conservadores de tal sociedade determinante de *crimes* e *criminosos*.

E posso terminar com estas acertadas palavras de Hamon: «*Julgamos, pois, que se ha de substituir o termo responsabilidade social pelo reactividade social*........

A reactividade social produz, em vez de penas, um tratamento preventivo, uma higiene e uma terapeutica sociaes, dirigindo-se, não ao individuo agente, senão ás proprias causas dos actos dissonantes.

Esta higiene, esta terapeutica sociaes, não podemos no momento expol-as;....

Hoje nos basta ter demonstrado que não existe a responsabilidade moral e que são irresponsaveis todos os seres».

A. Hamon, um grande sabio, não quiz dizer de pronto qual a higiene, qual a terapeutica. Mas é possivel, muito possivel, que um grande incendio que queime este velho edificio social, para sobre seus escombros se construir uma Vida nova, seja a primeira, maior e mais pronta higiene: seja a base para qualquer terapeutica eficaz...

Emquanto subsistirem todas as causas que a sociedade actual géra, teremos essa infinidade de *crimes* e essa aluvião de infelizes *determinados* a serem *criminosos* e a sofrer as consequencias...

A primeira medida de higiene deve ser a Revolução...

João Adél

Alerta, trabalhadores!

Um facto bastante grave e que merece a atenção de todos os trabalhadores, vem de realizar-se com a fundação de uma associação operaria, sob os auspicios de monsenhor Rangel, Sutton, Rocha e outros piratas do clero e da finança. A' inauguração dessa associação, precedida de retumbante reclame, pela imprensa mercenaria, compareceram, para a *honrar* com a sua presença, entre outras personalidades de destaque e reconhecidos *amigos* dos operarios, o sr. chefe de policia e seu ajudante de de ordens.

Só isto bastaria para se fazer uma idéa sobre a origem dessa agremiação e os fins para que ela foi fundada.

Mas não é só por isso que a fundação da Associação dos Operarios da Companhia America Fabril se caracterisou como sendo composta de exploradores e ignorantes.

A imprensa burgueza, essa imprensa prostituida que vive de cavações e *escroqueries* de toda especie, que não se importa com as questões dos trabalhadores sinão para desvirtual-as e desvial-as do verdadeiro objectivo, dedicou colunas inteiras para estampar as infamias atiradas contra os trabalhadores que têm um ideal e o defendem com ardor, até sacrificio e adulando, ao mesmo tempo, essa massa inconsciente que a sustenta.

O *Jornal do Brasil*, *A Noite*, o *Correio da Manhã*, e outros jornaes burguezissimos e carolas, publicaram as noticias com titulos garrafaes e acintosos para o comunismo, anarquismo, etc.

Não faz mal. Podem continuar os escribas na sua campanha de difamação. A sua baba de hidrofobos nunca nos atingiu nem nos atingirá jamais.

Temos vencido obstaculos mais fortes e esse tambem será vencido... Nós o poremos á margem em ocasião oportuna...

—

Já que nos propuzemos a discutir o assunto, é necessario e conveniente analizar o programa de ação e a orientação que o sindicato amarelo pretende seguir.

Analizemos. Comecemos por ver os direitos e beneficios que a Associação dos Operarios da America Fabril dá á seus componentes e os deveres que deles exige.

Entre outras cousas, a Associação promete: auxiliar os associados quando enfermos; proteger as familias por morte de seu chefe, e os orfãos desamparados, filhos do associado; auxiliar as operarias, associadas, por ocasião dos partos, e as solteiras e as viuvas por ocasião do casamento; crear cooperativas para fornecer generos de primeira necessidade (naturalmente, pagando); zelar pela moral das familias dos associados, beneficencia, peculios, etc.

Tudo isto são promessas vagas, imprecisas, e que, positivamente, não serão cumpridas. Entre tudo só está estipulado o ordenado de tres mensalidades por ocasião dos partos.

Outras reivindicações, a Associação não se propõe fazer sinão por *meios suasorios* e de *quem de direito*; quer dizer, implorando caridade.

Ora, si estas são as melhorias que os trabalhadores esperam obter, aliando-se aos seus exploradores, e mostram bem claramente o estado de ignorancia em que vivem e a mesquinhez de suas aspirações.

Iludem-se com os oferecimentos que lhes fazem, para servir de chamariz, e vão como rebanho de carneiros guiados pela mão dos seus pastores. Para esses que assim procedem, a associação de resistencia ainda os amedronta porque não promete cousas que não pode dar e a luta que ela sustenta contra o patronato é mais renhida e espinhosa. Adiante diremos o que são as sociedades de resistencia, exclusivamente operarias, e o que são essas sociedades organizadas pelos capitalistas e seus defensores.

Estudemos agora os deveres que a Associação da America Fabril exige dos seus associados.

Além de não admitir associados que se tenham destacado nas lutas contra o patronato, quer dizer, capazes de discutir e orientar o proletariado para se emancipar da exploração burgueza a Associação impõe aos trabalhadores que se submetam a seu dominio, o respeito e acatamento ás leis do paiz, embora essas leis sirvam para oprimir e aniquilar a existencia dos trabalhadores; não poder nenhum dos seus componentes realizar comicios em praça publica, nem assistir a outros que se realizem; não impedir que qualquer operario trabalhe sem ser associado e onde lhe convier, garantindo o trabalho livre.

A Associação veda completamente a entrada, como associados, aos individuos de *má conducta*, assim classificados: ébrios, desordeiros, criminosos e expulsos de outros paizes. Não trataremos aqui desses infelizes que se entregam á embriaguez ou se tornam criminosos profissionaes, porque para tratar dessas victimas da infame sociedade actual seriam necessarias as colunas de um grande jornal diario, e não no minguado espaço de que pode dispôr um semanario.

Tratemos, pois, dos desordeiros e dos expulsos.

Desordeiros, para os magnatas que organizaram esse antro de corrupção, são os trabalhadores rebeldes, insubmissos, que sabem enfrentar a luta com todos os perigos que apresenta; são os revolucionarios, os anarquistas que combatem a organização social existente, que aos magnatas garante o privilegio da exploração e a dominação sobre a classe produtora. Esses são os que se chamam de desordeiros porque defendem e propagam um ideal de justiça e querem a liberdade e o bem-estar de toda a humanidade sofredora.

Os expulsos que a caterva da Companhia America Fabril impede de fazer parte da armadilha preparada para enganar os trabalhadores, são os libertarios transportados nos lugubres porões dos navios masmorras, mas que trazem comsigo o facho esplendoroso da Idéa; são os arautos de uma nova éra de egualdade economica e social; são os pioneiros da Anarquia.

Si os trabalhadores, acoimados de desordeiros e malfeitores pela canalha burgueza, catolica e governante, viessem para aqui fazer *chantages*, explorar o povo e andar nos clubs *chics* em orgias libidinosas, então seriam acatados e encontrariam o apoio desses que hoje os caluniam.

Mas, como os trabalhadores não vieram expulsos por estelionatarios, como certo jornalista que dá orientação á burguezia reacionaria e faz negociatas escandalosas, nem com bachareis togados que fogem á justiça para não serem punidos pelos seus crimes e carregando dinheiro de orfanatos para vir servir de carrasco dos operarios, a mando dos capitalistas, eis porque nós que combatemos o Estado e o Capital somos o alvo das infamias da burguezia e se procura acirrar contra nós o proletariado inconsciente.

Nós defendemos as organizações de resistencia, porque elas constituem o unico meio dos trabalhadores poderem enfrentar a organização capitalista, e visam a socialização dos meios de produção, isto é, tomar conta das terras, das fabricas, oficinas, meios de transporte e comunicação. Não queremos as migalhas que sobram do banquete dos burguezes, que é o que oferece a tal associação aos incautos que dela fazem parte; queremos, sim, tudo quanto nos pertence e que está nas mãos dos nossos exploradores.

Para conseguil-o, só com associações de resistencia, bem organizadas, e afastadas de qualquer contacto com os politicos profissionaes.

Que força moral podem ter os mercadores do clero, os jornalistas venaes e os exploradores do operariado para caluniar os trabalhadores conscientes?

Alerta, trabalhadores!

O que se pretende agora é dar um golpe nas organizações existentes, para melhor sugar o sangue dos produtores.

Meditae um pouco na situação e abandonae o caminho errado porque estaes enveredando.

Antonio Fernandes.

Os anarquistas e A NOITE

A questão social! Ah! A questão social exclamam, angustiados, burguezes, padres e governantes. Estas três especies de percevejões dão tratos á bola na esperança de solucionar o temeroso problema sem que os seus odiosos privilegios sofram arranhões. Mas em vão!

O Sr. Andrade Bezerra, membro da comissão de legislação social, propõe que o problema seja resolvido pela religião. Essa solução assucarada deve ser determinada pela influencia do meio em que S. Ex. veiu á luz. Dizem que em Pernambuco os mais temerosos problemas se resolvem chupando cana doce!... Trajano Chacon, si vivesse, talvez afirmasse o contrario...

O conego Rangel segue a peugada do serafico sociologo pernambucano. Monsenhor, porém, não nasceu em Pernambuco, mas tem estomago, e que diabo faria S. Revma si a Revolução Social, vencedora, proclamasse que o oficio de intermediario entre os homens e Jehovah não é ocupação util nem decente? Monsenhor concorda que isto seria uma calamidade... para ele.

Ha ainda outra especie de *sociologos* que a todo momento nos maravilham com as mais inconcebiveis sandices: os jornalistas burguezes. Envergonhados de tante asneira que diziam passaram á segunda parte do programa, áquela de que lançam mão todos os ignorantes — a calunia.

Dous jornaes ha nesta capital que mais ferozmente atacam os anarquistas: *O Paiz*, do famoso Lage, e *A Noite*, do ex-revisor e ex-famelico Marinho, hoje comendador Mãozinha. Este melifluo sujeito, que deve inumeros favores a varios graficos que com ele trabalharam na *Gazeta*, ao tempo em que ele era deshumanamente explorado pela empreza deste ultimo jornal, é hoje o mais empedernido adversario das reivindicações operarias. E' uma prova viva da incontestabilidade do determinismo. E depois digam os ingenuos que os anarquistas não têm razão nas suas criticas.

O obtuso comendador deu agora para pontificar sobre a questão social. Sempre que no seu jornal ele se abalança a comentar o magno assunto o faz empregando tres frases sediças e gastas pelo uso, mas que para o seu cerebro, esteril como um limão seco, encerram a magia dos conceitos lapidares: — *teorias mal digeridas, elementos subversivos* (refere-se, naturalmente, aos anarquistas), e *individuos nocivos expulsos de seus paizes*. Faz mais: transcreve todas as circulares do bonzo Rangel e... os discursos do garnizé H. Moses!

Mas, pondo de parte a chatice mental do *comendadô*, já proverbial nos meios jornalisticos, vamos aos factos.

O Mãozinha aconselha os trabalhadores a que abandonem os meios violentos e se limitem a colaborar com os seus exploradores no engrandecimento do *nosso* paiz. Diz ele que, por esse meio, harmonisados os interesses de empregados e patrões, sem contendas irritantes, todos viverão no melhor dos mundos, sem trabalhos nem canceiras.

Mas, será sincero o novel comendador? Hum! duvido... E sinão, vejamos.

O Marinho, sendo ainda secretario da *Gazeta*, um dia, na redação, fez discurso aos rapazes que com ele curtiam as agruras da escravidão e disse, mais ou menos:

— Camaradas! eu estou cançado de ser explorado pelo nosso patrão. Vós tambem não o estais?

— Sim, tambem nós estamos fartos de miserias, responderam os demais auxiliares daquele diario.

— Pois si assim é — disse o Marinho, retomando a palavra — facil nos será a nós, jovens e cheios de energia, fundarmos um jornal. O nosso futuro orgam fará sensação, eu vol-o garanto... Faremos reportagens mirabolantes e quando nada houver para contar, inventaremos! O essencial é embasbacar o zé povinho!...

Todos concordaram, entusiasmados. Marinho proseguiu:

— E' uma tentativu audaz a nossa. Si fracassarmos, paciencia. Porém, si suceder o contrario, si vencermos, terão acabado para nós os dias de miseria... Todos seremos patrões e todos seremos empregados...

Alguns tipografos foram convidados para colaborar na obra. Marinho repetiu a estes o que estava combinado: iam fazer uma tentativa; dinheiro não havia; era preciso, pois, a maior bôa vontade e desprendimento absoluto. Foi aceita á proposta.

Estudado e aperfeiçoado o esboço do plano, Marinho e os companheiros abalaram-se para a rua do Carmo, onde deram á luz *A Noite*.

O novo orgão vingou. Mezes após a empresa já possuia algumas dezenas de contos de réis. Os tipografos que haviam colaborado no inicio da obra, nessa epoca, já não eram socios, mas sim empregados: recebiam pontualmente suas semanalidades!!

Mas o resto que o digam Victorino d'Oliveira, Astarbé Rocha e outros.

Em resumo: daquele nucleo de rapazes pobres que conjugaram esforços para lançar *A Noite*, o que resta é isto: — um comendador reacionario abarrotado de dinheiro e um grupo de desiludidos descrentes da sinceridade dos homens!

Ora bolas, *seu* comendador!

M. G.

A "Tribuna do Povo" diaria

A modesta folha fundada pela dedicação de Canelas, no Recife, de tal modo se desenvolveu, na sua fecunda obra de propaganda no norte do Brazil, que a teremos tambem diaria, em tempo não distante.

Esta é a grata noticia das ultimas que nos chegam de Pernambuco, e escusado é frizar a alegria que ela nos proporciona. Avante, amigos!

A odiosa farça da filantropia

Teve a semana passada as glorias de retrato e untuosos elogios a escorrer colunas abaixo, nos jornaes diarios, o velho capitalista Candido Sotto Maior, ora a caminho de Lisboa.

Nada de mais absurdo que isso... e, todavia, nada de mais natural e justo para esta absurda sociedade.

Si fosse possivel, num momento, abrir os olhos ao povo, fazer-lhe ver toda a verdade crúa que se esconde por traz das festivas e enganosas aparencias, esse sujeito, ao vir distribuir os *seus* pares de contos pelos pobres e por instituições destinadas a manter a miseria, seria recebido com uma formidavel surra, ou, pelo menos, uma saraivada de batatas e ovos pôdres.

Porque, nada ha mais insultuoso que tripudiar o algoz sobre a miseria de suas victimas, fazendo-se *protector generoso*...

E é bem esse o caso do burguez de que tratámos.

Toda gente sabe como enriqueceu esse pirata. A firma Sotto Maior & C., que ha muitos anos explora a industria e o comercio de tecidos no Brazil, é proprietaria ou principal acionista de inumeras fabricas, cuja produção açambarca, impondo ao mercado o preço exorbitante que lhe apraz, visto ser impossivel a concorrencia estrangeira com as aladroadas tarifas aduaneiras arranjadas nesse ajuntamento de bestas e de traficantes a que dão ahi o nome de Congresso.

Trinta mil tecelões vivem na mais negra miseria a produzir o pano que vinte cinco milhões de brazileiros consomem, a preço de esfóla, para que o tal Sotto Maior leve em Lisboa vida de principe, a receber anualmente milhares de contos que daqui lhe enviam os comparsas da escandalosa exploração. Para que se tenha uma idéa dos *honestissimos*, mas legalissimos negocios dessa firma, basta dizer que ha ocasiões em que impõe ás fabricas, pela força do capital com que gira, um determinado preço — 500 réis, por exemplo, para tal *riscado*: compra toda a produção; e, dias ou mezes depois, eil-a a vender essa fazenda a 1.000 réis o metro. Tal lucro em milhões ou bilhões de metros, calcule-se a quanto não monta.

Qualquer pequeno negociante do Rio confirmará o que aqui expomos.

Faz mais; para conservar os altos preços ás mercadorias armazenadas, obriga frequentemente as fabricas a reduzirem ao minimo a produção, com evidente sacrificio de milhares de familias operarias que ali trabalham, como se deu em Outubro e Novembro do ano passado — o que levou os tecelões ao desespero e á revolta.

Agora mesmo essa classe infeliz está, ha dois mezes, empenhada numa gréve exasperante, cuja solução não foi ainda encontrada, segundo é notorio, por pressão interessada dessa firma sobre o Centro de Fiação e Tecelagem, que dela depende.

Além de negarem o aumento de salarios reclamado, mandam esses patifes, negociantes e industriaes, aparceirados, perseguir e esbordoar os operarios, depredar as sédes de sua associação, etc.

De sorte que o papel desse burguez *generoso* a distribuir alguns contos de réis pelos pobres do Rio, é exactamente o do salteador que com a direita arrancasse milhões a todos habitantes do paiz, para com a mão esquerda deixar cair niqueis e vintens a um pequeno grupo, cuja gratidão ainda se reclama em altos brados...

E dizer-se que a esta hora muito infeliz, contemplado pelo gesto do *magnanimo*, estará a fazer votos pela sua «boa viagem» e a salvação de sua alminha *candida*...

Bons ventos o levem.

Mas — «que canalha a gente honesta» ! — meu caro Zola.

Avila.

PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL

Em sua sessão ultima, sabado passado, decidiu a assembléa pôr em pratica, desde logo, o sistema de administração por turnos, com duração de 2 mezes. Assim, a comissão, que vem trabalhando desde a fundação do Partido, destituiu-se para dar lugar á comissão de tres composta dos tres primeiros socios por ordem de inscrição.

Outro assunto ventilado pela assembléa foi o da formação dos nucleos de propaganda pelos diversos bairros da cidade. E as deliberações tomadas não ficaram em palavras. Com efeito, além dos nucleos de Terra Nova e Copacabana, já existentes, durante a semana se constituiram mais nos seguintes pontos: Praia Formosa, São Cristovam, Andarahy, Encantado...

Para amanhã, domingo, ás 2 horas da tarde, na praça da Republica, 231, está marcada uma grande reunião publica de protesto contra o assassinato de Maximo Gorki pelas forças da burguezia.

Nucleo de Terra Nova

Por iniciativa do Centro dos Trabalhadores Suburbanos, este nucleo promoveu uma proveitosa reunião de propaganda, domingo ultimo, na séde do mesmo, rua Valerio, 74, Campo dos Cardosos.

O camarada Nalepinski fez uma aplaudida conferencia, tendo tambem falado os camaradas Manzini e Minervino.

Nucleo do Encantado

Reunião dos adherentes ámanhã, domingo, á 1 hora da tarde.

Nucleo de S. Paulo

Os camaradas de S. Paulo têm desenvolvido grande actividade. Ultimamente promoveram uma conferencia, com grande exito, falando o camarada Florentino de Carvalho, que dissertou sobre *Maximalismo e Anarquismo*.

Entre outras deliberações recentemente tomadas pelo nucleo de S. Paulo, figura uma saudação a *Spártacus*, o que agradecemos, e a publicação do projecto de programa do Partido, conforme lhe fôra dada incumbencia pela Conferencia Comunista de junho.

BOLETIM DA GUERRA SOCIAL

Através os telegramas da semana

Em Portugal

A questão em fóco é a greve dos ferro-viarios.

Todos os dias as agencias telegraficas burguezas nos informam que o governo espera vêr solucionado o conflito, visto ter adoptado taes ou quaes providencias. Mas o facto é que essas mesmas agencias se encarregam diariamente de telegrafar aos jornaes, dando-lhes conta dos actos de justa *sabotage* que os paredistas de vez em quando levam a efeito, demonstrando, com isso, que a gréve continúa de pé, sem solução.

Longe de confiar na ação estatal, que só poderá, em ultima analise, beneficiar as emprezas capitalistas, os ferro-viarios portuguezes bem comprehendem que só devem contar com a sua propria iniciativa, com os seus proprios musculos, certos de que a emancipação dos trabalhadores será uma resultante exclusiva do esforço, da inteligencia e da ação que contra o voraz capitalismo tiver empregado a classe proletariana.

Na Italia

Deram-se novas manifestações de indole bolchevista em diversos centros operarios. Os tipografos de Roma ha quasi um mez estão em gréve, numa firmeza inquebrantavel, causando prejuizos não pequenos á classe patronal.

E o sr. Tittoni a parlapatear que tudo por lá ia no melhor dos mundos possivel para a familia operaria!

Na Hespanha

A situação em Barcelona, segundo telegramas recentes, tem sobresaltado em extremo a camarilha dominante. Devido á agitação de caracter maximalista que lavra na Catalunha, foi decretado o estado de sitio nessa provincia.

A' liberdade, pela qual anceia tanto o povo catalão, o governo clerical de Afonso XIII opõe o regimen da violencia em seu mais alto grão.

Apezar de tudo, entretanto, apezar da coação e da tirania, o Estado, em todos os paizes e seja qual fôr o rotulo que ostentar, tem contadas as suas horas, as suas brevissimas e angustiadissimas horas de agonia...

Na França

Parece que tendem a intensificar-se as demonstrações populares contra a carestia da vida, carestia, essa, provocada e fomentada pelos gaviões do alto comercio.

Em Amiens, em inspecção aos mercados, a delegação dos trabalhadores de Estrada de Ferro insistiu com os negociantes pela redução dos preços dos generos. A' vista da atitude energica da delegação, o mercado de legumes baixou seus preços sem objeção, não tendo sucedido o mesmo, porém, com os vendedores de aves e manteigas. Diante de tal obstinação, os delegados operarios tomaram as mercadorias aos negociantes, vendendo-as ao publico com redução de 50 %. Depois disso, a comissão percorreu toda a cidade, em visita ás casas de negocio, a cujos proprietarios aconselhava a diminuição nos preços de seus artigos.

Em Brest, os trabalhadores das docas aprehenderam as mercadorias que estavam em deposito nos mercados e venderam-nas ao povo pela metade dos preços. A Confederação Geral do Trabalho começou a organização de uma gréve internacional, contando que do movimento participe o operariado britanico.

Decididamente, inapelavelmente *ça ira*...

Na Russia

A Inglaterra, que nesta ultima guerra, segundo os seus estadistas, se bateu pela soberania dos povos, está bombardeando Kronstadt por meio de sua esquadra, acostumada, desde o corsario Drake, a esses actos de franca pirataria, creando obstaculos, assim, ao grandioso trabalho de reorganisação social emprehendida pelos maximalistas no paiz.

Quando pagarás, Inglaterra, impiedosa, tantos crimes e tantas abominações?

Na Argentina

A cavalaria buonairense, em nome, ao que parece, da liberdade constitucional, dispersou uma grande manifestação anarquista de desagrado ás autoridades judiciarias, ás quaes está afecto o processo instaurado contra os camaradas Sciutti e Rosas, redactores do jornal libertario «La Bandera Roja». Nem liberdade de imprensa, nem liberdade de reunião.

Por esquecimento, talvez, os telegramas não nos esclarecem si a manifestação foi ou não dissolvida á força, si ás ruas da capital ficaram ou não empapadas de sangue.

Teria, porventura a policia argentina despresado o sabre e os cascos de cavalos, essas preciosas joias da civilisação governamental?

Nos Estados Unidos

Sam, o insaciavel tio açambarcador de territorios, tio dos dolars e de Wilson, passou durante dois dias bons bocados de maus quartos de hora.

Durante aquele lapso de tempo, Sam, apavorado e tremente, assistiu á paralisação do trafego em sua terra. Mas o perigo já desapareceu e Sam já póde dormir o tranquilo somno dos *justos*.

E' que os capitalistas norte-americanos, orientados pelos seus avós da Gran Bretanha, concordaram com um plano de reivindicações apresentado pelos ferroviarios, no qual estão incluidos um aumento de salarios de 47 %, e a reforma do material rodante antiquado, considerado perigoso para a vida dos trabalhadores.

E si dentro de sessenta dias os capitalistas americanos não tiverem cumprido a sua palavra, tio Sam, apezar de seus milhões, terá de assistir, cheio de amargura, ao espectaculo que oferecerá um paiz sem meios de comunicação e de transporte, segundo o que ficou resolvido pelo Congresso do Pessoal das estradas de ferro.

Ação proletaria

A policia e os comicios da A. dos E. no C. e I.

O ultimo comicio da serie promovida por esta ardorosa agremiação, marcado para 20 do corrente, no largo da Carioca, foi interrompido pela policia, que brutalmente dispersou os assistentes e espancou quem ousava protestar contra os seus impetos de ferocidade.

Já começam. Digam depois que os anarquistas é que são provocadores e desordeiros...

O caso dos tecelões.

A directoria da Federação de Vehiculos, acompanhada pelo presidente da U. dos O. em Fabricas de Tecidos, foi ao Catete solicitar a intervenção do presidente da republica na questão dos tecelões. Este passo, já se deixa ver, foi grandemente elogiado pela imprensa burgueza, a começar pela burguezissima *Razão*. Para nós, faltassem-nos embora outros motivos substanciaes, só isto de receber elogios da imprensa burgueza, com a redentorica *Razão* á frente, bastaria para dar-nos a certeza de que aquele foi um mau passo, mais que inutil, contraproducente.

Estamos convencidissimos de que a ação, no caso, do Sr. Epitacio de modo nenhum poderá verdadeiramente favorecer os operarios tecelões. Acreditem estes no presidente e na *Razão*—e não corram...

Na melhor das hipoteses, a intervenção presidencial obterá ganho de causa para algumas das reivindicações actuaes pleiteadas pelos trabalhadores em tecidos. Os beneficiados talvez e a *Razão* com certeza cantarão victoria. Mais devagar... Nós afirmamos desde já: victoria aparente. E' muito simples de comprehender: taes beneficios não terão sido *conquistados* pelos trabalhadores, mas *dados* aos trabalhadores. Ora, si os trabalhadores não tiveram força para os conquistar, evidentemente não terão tambem força para as sustentar e os industriaes fatalmente burlarão todos os compromissos firmados. Isto é tão certo como trez e dois são cinco.

Não se iludam os trabalhadores. O que realmente importa, nas suas lutas, não são as melhorias em si mesmas, de regra minimas e mesquinhas, mas sim os *meios* porque são elas obtidas. Si conquistadas pelo esforço da solidariedade, isso demonstra nos operarios capacidade suficiente para as fazer valer. Si lhes são porém concedidas pelos patrões, com intervenção oficial, oficiosa ou estranha, isso demonstra falta de força dos operarios, portanto incapacidade para as fazer valer.

Havemos de ver, neste caso dos tecelões, a lição que o tempo nos vai dar.

Os marceneiros e a policia.

Já é do dominio publico o processo que a policia pretende instaurar contra a Aliança dos Trabalhadores em Marcenaria e seus militantes mais activos.

Tendo obtido, pelos meios já muito vulgares, declarações falsas de meia duzia de crumiros cobardes, a autoridade policial forjou um relatorio envenenadissimo em que acusa a Aliança de coação á famosa «liberdade de trabalho», por ocasião do movimento verificado ha semanas na casa a Internacional Marcenaria.

Mas os manejos do industrial Domingos Silva, que tem mão forte da policia, naturalmente, encontraram pela frente adversarios que se não abatem assim com qualquer careta.

Já o secretario da Aliança rebateu vantajosamente, pelas colunas da imprensa diaria, a serie de falsidades forjadas pelo 3.° delegado auxiliar.

Tambem a Federação dos Trabalhadores, na sua reunião de antehontem, tomou conhecimento do facto, fazendo publicar um energico protesto contra essa nova trama industrial e policial contra a organização dos marceneiros, chamando a atenção das demais classes obreiras para mais essa prova do conluio que se vem conchavando, á sombra, entre patrões e governantes, tendo em vista um ataque geral ás classes organizadas e conscientes do nosso proletariado.

Olho vivo, camaradas!

O movimento dos graficos.

O esperado movimento dos trabalhadores graficos rebentou finalmente esta semana.

Sabe-se que a Associação Grafica enviara uma circular aos patrões contendo uma serie de reclamações atinentes aos salarios e á ordem de serviço nas oficinas, as quaes haviam sido metodicamente estudadas e deliberadas em assembléas sucessivas.

Animados pela atitude reacionaria do botelhudo *Jornal do Comercio*, os industriaes graficos, reunidos na sua respectiva associação de classe, resolveram resistir ao movimento, negando-se a entrar em negociações com a Grafica.

E' muito curioso que esses carranças, para combater a associação de classe dos operarios, cujo reconhecimento não querem fazer, se sirvam precisamente, eles tambem da sua associação de classe...

Havendo os graficos, em resposta ao oficio dos patrões negando-se a entabolar negociações com a colectividade, deliberado paralizar o trabalho em cinco das grandes casas filiadas ao gremio patronal, este retrucou com o *lock-out* geral.

Mas este de geral nada tem: varias das grandes oficinas e quasi todas as pequenas continuaram a funcionar. E' que estão todas abarrotadas de trabalho e o interesse falou mais forte que a solidariedade...

Os graficos porém mantêm-se firmes e tudo faz prever um exito completo ás suas reinvindicações.

O caso do "Jornal do Comercio".

De S. Paulo recebemos duas cartas, uma de José Conti e outra de Christovam Torres, ambos da comissão paulista que aqui esteve por ocasião da recente gréve, no *Jornal do Comercio*, protestando contra as afirmações feitas no artigo do nosso camarada Pedro Rangel, aqui publicado a vez passada.

No proximo uumero voltaremos ao assunto, estampando a defeza de Christovam Torres, que só não sai hoje por nos ter chegado tarde ás mãos.

IMPORTANTE

Todos os valores a se enviarem para SPÁRTACUS—carta com valor declarado ou vale postal — devem ser enderecados exclusivamente para Santos Barbosa, Caixa postal 1936, Rio de Janeiro.

Isso para evitar delongas e embaraços em meio da papelada burocratica dos Correios.

EM PETROPOLIS

Organizado por um grupo de camaradas, realizar-se-á amanhã em Petropolis um atrahente festival em beneficio dos tecelões grévistas naquela cidade e dos jornaes da vanguarda.

Reina, por esse festival, grande entusiasmo nos meios obreiros petropolitanos.

EM CRUZEIRO

Depois de amanhã, segunda-feira, realiza-se em Cruzeiro (E. de S. Paulo) um grande festival promovido pela União Operaria 1.° de Maio, a excelente organização proletaria daquela cidade.

Fará na ocasião uma conferencia o camarada José Elias da Silva, enviado pelo Partido Comunista, nucleo do Rio.

Aos nossos colaboradores

Temos em mãos boa quantidade de artigos de colaboração. Infelizmente, as colunas de "Spártacus" são limitadas e assim temos que inserir aos poucos o que os nossos colaboradores nos enviam. Tenham, pois, paciencia, que chegará a vez de cada qual. Quando "Spártacus" for diario, então, sim, haverá espaço suficiente para todos. Trabalhemos pois por isso, amigos!

O Comunismo na Hungria

*A situação na Hungria está barallhadissima. A confusão telegrafica é inextricavel. Voltara o regimen autocratico com um rei ou imperador? Estara totalmente esmagado o comunismo? Nada sabemos ao certo... Como quer que seja, o que nos parece mais logico é que a luta continue acesa entre as varias correntes politicas e economicas. E a proposito da obra dos comunistas hungaros, reproduzimos, a seguir, a titulo documentario, um artigo aparecido num dos ultimos numeros de l'*Humanité *aqui chegados:*

A imprensa conservadora de todos os paizes tem sido prodiga em injurias aos comissarios do povo hungaro difamando sistematicamente o regimen de que eles são administradores. Tem-n'os tratado como tratou ao governo dos Soviets de Moscou, e do mesmo modo que tratou o governo de Moscou tratará amanhã qualquer revolução social que rebente no planeta. E quando escrevo: a imprensa conservadora, quero dizer: todos os jornaes que defendem as instituições sociaes em vigor, o mecanismo capitalista e o privilegio das oligarquias burguezas.

Quando não podem explorar nenhum incidente, forjam-no por todos os meios. Si lhes faltam informações, não teem o menor escrupulo em se valer de mentiras. Como certas ossadas de "santos" e de "martires", que são encontradas até dezesseis vezes, eles fazem perecer em dez, em vinte logares diferentes os grandes duques russos ou os magnatas magiares. Basta que um jornalista, á cata de uma noticia sensacional, invente uma execução qualquer, para que toda a imprensa dela se assenhoreie, enriquecendo-a cada qual com o seu contingente de pormenores. A historia de Catarina Brechowska é tipica: depois de haver feito passar essa militante por não sei quantas mortes, tiveram de confessar que mui tranquillamente ela fazia conferencias nos Estados Unidos contra o maximismo. Discutiram e glosaram em milhares de artigos o decreto que instituia a socialisação das mulheres, sem cogitarem siquer de saber si sob o ponto de vista «soviético», não seria isso a peior das monstruosidades e, um belo dia, houveram que reconhecer que se tratava de uma pilheria de mau gosto e nada mais. Mas a lenda teve o seu curso, divulgou-se amplamente, como todas as calunias: foi reiterada contra os conselhos de Munich, tendo os comissarios do povo de Pesth de proclamar que jamais semelhante idéa pudera germinar em cerebro socialista.

Foi assim que em 1792, em 1793, em 1848, na França, foram atribuidas aos revolucionarios as mais inverosimeis torpezas.

Os jornaes realistas, sob a primeira revolução, e os jornaes da ordem social, depois de fevereiro, fingiram considerar os republicanos e os socialistas como bebedores de sangue, com a só preocupação de massacrar, saquear, exercer vinganças pessoaes e aumentar a soma dos proprios prazeres. D'este geito teem sido disvirtuados e vilipendiados todos os grandes movimentos. Os que não teem a força de os combater directamente e de os refrear, ateem-se a desmoralizal-os perante a opinião e a deshonrar os homens que os servem; tarefa que talvez nunca tenha sido empreendida com tanta improbidade intelectual, tanta e tão odiosa tenacidade como hoje. Mas é que tambem nunca a imprensa atingira tal desenvolvimento nem nunca os partidos de conservação social a haviam servilizado a tal ponto.

A grande massa do publico ignora ainda qual seja a organização economica ou politica que se instaurou em Moscou ou em Pesth. Quizeram fazer-lhe crer que um bando de criminosos ou tresloucados se havia apoderado do poder nas duas cidades, delas dominando pela violencia vastos territorios. Quem quer que refilta e possua vagas noções de historia geral logo compreenderá que é irrisoria esta exposição dos factos.

Não ha duvida que um grupo de individuos resolutos, especialmente em periodo de crise nacional ou internacional pode momentaneamente assenhorear-se do poder publico, mas não tardaria a ser expulso si se limitasse a agir egoisticamente em seu proprio interesse e a tiranizar a massa. Lénine e Trotski não teriam conseguido prolongar por mais de ano e meio o regimen de que eles são os expoentes, si não tivessem encontrado concursos numerosos e dedicados, si os seus actos e as suas decisões não tivessem correspondido a uma evolução geral do espirito publico. A tese de certos escritores tem sido que o antigo regimen foi subvertido na França por um punhado de sectarios: em realidade, tal subversão foi obra de milhões de camponezes que queriam a terra e que a tomaram.

Igualmente na Russia e na Hungria foram poderosos movimentos populares que substituiram pelo comunismo as opressões feudaes e capitalistas de outr'ora.

Mas não basta fazer afirmações. Na hora em que vivemos e em que tudo rúe na Europa ocidental, como na Europa central e oriental, hora em que os problemas que surgem para os outros, tambem surgem para o proletariado francez, inglez, belga, suisso, italiano e com uma complexidade ou dificuldades maiores, bom é que conheçamos as experiencias realizadas no exterior pelos proletariados victoriosos. As discussões que se travaram em Berlim e Viena sobre as socializações são já de capital interesse conquanto Scheidemann nem Renner representem a revolução obreira, mas sobretudo as primeiras medidas tomadas em Pesth por Bela Kun merecem ser estudadas com cuidado, tanto quanto nos permitem elucidal-as os raros documentos que chegam ás nossas mãos.

—

Revolução total

A primeira onda revolucionaria alemã (pois esperamos a segunda) não modificou sinão de um modo mediocre o estado social da Alemanha. A aliança assinada pelos da maioria com os catolicos e democratas burguezes constituia uma salvaguarda para a ordem antiga. Na Austria a democracia social dividio o poder com o partido cristão social, que alia as inquietações diversas e contraditorias da pequena burguezia a um clericalismo árido e ahi igualmente toda iniciativa se acha, de antemão, eivada de esterilidade.

Inversamente, aqueles que tomaram conta da revolução hungara quizeram que ela fosse integral, que substituisse a antiga estructura economica por outra inteiramente nova.

Na primeira assembléa dos conselhos de Pesth, no dia 7 de abril, dizia o comissario do povo, Bokany:

> «Destruimos as pontes atraz de nós; já não ha possibilidade de recúo; temos necessariamente que avançar. Portanto, devemos todos fazer um trabalho completo... Devemos ser rapidos, transpôr num ápice o caminho, porque quanto mais lento fôr o ritmo, tanto mais penosa ha de ser a eclosão. Trata-se de crear um mundo completamente novo: do antigo mundo não deve subsistir nada, pois de todos os seus poros brota a reação, asfixiante, sufocante. Brecha que deixemos aberta, seja em que dominio social fôr, por ela surgirá a reação envenenada que contaminará a atmosfera do mundo novo».

E Bela Kun, tomando a palavra após Bokany, desenvolvia as mesmas idéas:

«Devemos agora destruir, mas, ao mesmo tempo, construir».

Como abordou a Hungria comunista tal reconstrução? Como imprimiu nos diferentes dominios da actividade, o seu espirito de renovação?

—

Finanças e produção

A Hungria comunista eliminou o sistema burocratico do ministerio das finanças, mas não pôde suprimir este integralmente na primeira arremetida, visto que a propriedade privada não foi abolida de um golpe. E' por parte que se opera a socialização, e emquanto esta não fôr completa, o regimen, para manter-se, tem que recorrer aos impostos. Todavia, o numero dos agentes fiscaes vae minguando a cada nova medida adotada, para realizar o comunismo: de onde resultam disponibilidades de pessoal que será necessario reempregar alhures em serviços productivos e não já de simples cobrança.

Ao mesmo tempo, os comissarios do povo renovam totalmente o regimen bancario, que será centralizado, e que funcionará d'oravante em beneficio da massa e não mais em proveito de uma oligarquia.

A concentração alargará quanto possivel o seu circulo de ação, em vista da redução da burocracia, o que não exclue, antes pelo contrario, a multiplicação das instituições locaes filiadas, que facultarão a todos os productores o recurso rapido ao credito, aos fornecimentos de materiaes, etc. Ainda ahi uma redistribuição se tornará indispensavel. Como, em virtude da fusão das sédes, os edificios se iam vagando rapidamente nas cidades, eles foram destinados á habitação, podendo-se assim suprir a falta de casas. Essa medida, tão natural, provocou, como era de esperar, vehementes protestos no meio conservador.

A organização do trabalho comunista formava a base mesma do novo sistema. Na ordem industrial comportava dificuldades particulares num paiz em que a produção é menos concentrada do que na Alemanha ou na Inglaterra. O comissariado afecto a esse serviço instalou-se na Bolsa de Budapesth. Dois delegados o dirigem: um, de vinte e sete anos de idade, é engenheiro quimico; o outro, de trinta e cinco, é engenheiro mecanico. Teem cerca de 600 colaboradores repartidos por trinta secções, os quaes, tendo sido todos escolhidos por suas competencias tecnicas, haviam tambem afirmado a sua simpatia ao socialismo, pois a fidelidade ao socialismo é para tal requerida, como para os cargos mais especialmente politicos. Cada secção estatue sobre uma categoria de explorações: assegura a continuidade do trabalho, a utilização racional do maquinismo e o seu aperfeiçoamento; provê ás socializações e ás reorganizações que delas decorrem.

Uma repartição suplementar estuda as invenções novas.

—

Os salarios

A Hungria atravessa um periodo transitorio que só terminará quando a produção comunista houver completamente substituido os antigos processos. Foi, pois, preciso regular os salarios, o que foi feito sobre a base das oito horas. Mas foram estabelecidos por hora, e não por dia.

Esses salarios por hora são: de 4 a 8 corôas e 50 para os operarios qualificados que teem mais de dez anos de pratica; de 3 a 6.50 para os operarios qualificados que teem menos pratica; de 2.50 a 5.50 para os ajudantes; de 1.50 a 2.50 para os principiantes. Devo acrescentar que a corôa, que valia cerca de 1 fr. em 1913, ficou reduzida a pouco mais ou menos um quarto desse valor. Quer dizer que um operario qualificado percebe actualmente por dia, em media, 50 corôas correspondentes a 12 fr. 50 antes da guerra; mas os salarios, ha cinco anos, eram na Hungria extremamente baixos.

—

A liberdade de consciencia

Os comissarios do povo se teem esmerado em reorganizar a instrução, divulgar a cultura, dar aos escritores e aos sabios os meios de trabalhar e de produzir.

Os decretos que Kunfy, delegado da instrução publica, assinou ao chegar ao poder, eram dos mais interessantes. Ele proclamava a liberdade de consciencia e declarava a religião questão privada, anunciando, porém, que reprimiria os ataques pelo clero dirigidos contra o novo regime, sob a capa das reuniões religiosas; a dictadura do proletariado nada modificava quanto á vida de familia e não pretendia instituir o comunismo das mulheres: todos os que propagassem afirmações contrarias seriam tratados como inimigos publicos.

Pareceu-me dever pôr deante dos olhos de nossos leitores essa documentação, embora se ache ainda demasiado fragmentaria.

Espero poder completal-a qualquer dia, pois—repito-o—nada é mais util para nós do que acompanhar em suas iniciativas, e mesmo em seus tacteamentos, as republicas socialistas que se erigem no velho continente.

Phedon.

Profissão de rebeldia

«Devemos cultivar em nós a Rebeldia como o mais sublime sentimento.»

Bem pequeno ainda, na idade em que os gozadores hereditarios descortinam por traz de douradas nuvens os largos horizontes e muitos outros quadros que traduzem a felicidade — efemera — de que dispõem, nessa idade já eu me via empenhado numa luta intima, uma luta *intra murus*...

Propenso á Revolta, aquele ambiente, para mim, emulo dos Gorkis, constituia um circulo de fogo, uma verdadeira rocha, á qual me achava preso.

Ahi, sem que pudesse desprender o vôo pr'a uma região onde imperasse a Liberdade, via a aza encarcerada... mas o pensamento, este, como o judeu da lenda, caminhava, caminhava sempre, sem que o pudessem deter falsos preceitos.

Depois, quando libertado desses grilhões, fugindo da calmaria pôdre do parasitismo, atirei-me ao desejado turbilhão da Vida operosa, productiva, reconheci que neste rumo eram fataes novos choques, e então nos terriveis escolhos da ganancia capitalista: outras tantas lutas a sustentar contra encarniçados e ferozes conservadores.

A estes revezes, porém, está sujeito todo aquele que, afastando-se da diretriz traçada pelos que se fazem donos da Terra, procura o verdadeiro sentimento de Humanidade onde ha sómente a egoistica, hipocrita on atoleimada crença num Deus todo-castigos, todo-vinganças: a Fraternidade humana num planeta cujos habitantes, obsedados por um ruim patriotismo, desfecham céga, estupidamente, as suas armas uns contra outros, réus, uns para outros, do bárbaro crime de ter nascido no pedaço de *terra inimiga*; a justa autoridade do Amor, em lugares onde esse termo é conferido a todos aqueles que fazem da tirania a sua deusa de gloria e do banditismo a sua profissão; a propriedade do productor sobre tudo aquilo que produzir, num mau regimen em que o ladrão tudo pode exigir e o roubado nada pode pedir: o gozo da Liberdade numa sociedade desorganizada, onde aos potentados são reconhecidos direitos e aos párias, aos proletarios são exigidos cumprimentos de deveres.

. . . .

Sei, no emtanto, que não constituo excepção.

Assim como eu, vivem muitos outros seres, que, não se deslumbrando, não se curvando perante o aureo poder, procuram na actividade productiva — amesquinhada embora pelo salariato — a solução para o dificilimo problema economico. Assim como eu, todos esses homens veem os seus esforços, os seus sacrificios reverterem em honrarias, glorias e beneficios áqueles que, encasulados num feroz egoismo, ocupam-se unica e exclusivamente na exploração dessa mina a que vulgarmente se dá o nome de besta de carga. Como eu, todas estas veem-se presas nas malhas duma rêde de aço, da qual não podem fugir; e quando um Spártacus, reunindo forças, multiplicando sacrificios, consegue dela desprender-se, surgem logo, terriveis, apopleticos, os seus guardas-amarelos, que, com *ternos argumentos* — taes sejam metralhadoras, carabinas, chanfalhos e patas de cavalos — o fórça a retroceder... sómente, por isso que fazel-o modificar a róta traçada, eles, os do capital e seus cupidos e energumenos defensores, jamais o conseguirão.

Essa guerra do burguez contra o proletario, do capitalista contra o trabalhador, quer dizer, da féra contra o homem, do ladrão contra o roubado, transforma, por efeito de uma lei natural, o homem num revoltado, pronto para, numa luta grandiosa, reivindicar os seus direitos, retomar dos ladrões aquilo que lhe foi roubado.

E, então, «quem poderá detel-o? Ninguem!»

Tiradentes Pessoa.

O Estado faliu

Uma das frases mais usadas pelo Astrojildo é a de que o Estado faliu. Foi por causa dela que o Zé Bezerra pol-o no *olho da rua*, quando funcionario da Agricultura.

E eu, apezar da opinião contraria de Geminianoff, concordo: o Estado faliu. Faliu porque já não resolve nada. E' um aparelho imprestavel, inutil. E mais do que isso: nocivo. E quando uma coisa é nociva deve ser destruida. E' disto que estamos tratando, nós, os maximalistas, os anarquistas, os desmancha-prazeres... da burguezia vagabunda e imbecil. Imbecilissima, aliás.

O Estado, actualmente, mostra-se impotente deante de qualquer problema que se lhe apresente. Principalmente quando esse problema é o... social.

Então é que eu dou formidaveis gargalhadas em *quá!*

Sinão, vejamos:

A Russia revolucionaria é um perigo permanente para as burguezias de todo o mundo. Si os Estados burguezes intervirem na Russia, os proletarios de todos os paizes levantar-se-ão, já por indignação contra a intervenção, já por acharem a hora propicia para as suas reivindicações, visto as tropas defensoras do capitalismo estarem longe, na Russia... Si não intervirem, o maximalismo se consolidará, e, extravasando-se das *steppes* moscovitas, invadirá o mundo, varrendo-o dos *profiteurs*, dos parasitas e dos *almofadinhas*...

Si perseguem, si prendem, si deportam, si enforcam os anarquistas, o anarquismo progride, por isso que idéa perseguida é idéa triunfante. Si não combatem os anarquistas, era uma vez a burguezia...

Si os operarios das cidades declaram-se em gréve e perturbam a digestão dos piratas e piratões da finança, estes aumentam-lhes, imediatamente, os salarios e fixam os preços dos generos vindos da lavoura, sacrificando assim os camponezes, que vêm os seus já parcos ordenados diminuidos. Mas, aumento de salario acarreta, fatalmente, aumento nos preços dos produtos das cidades, o que vae tornar ainda mais dificultosa a vida dos operarios do campo.

Os operarios do campo revoltam-se, reclamam, por sua vez vez, elevação dos salarios, e a luta recomeça. E eu me rio perdidamente; *quááá! quá! quá! quá!*

Si... Mas esta conjunção seria repetida indefinidamente si eu fosse citar todos os factos, que se dão todos os dias, e que fazem os governantes ficarem abarbados, tontos, atrapalhados...

Conclúe-se, do que acima fica dito, que o Estado, os parlamentos, os codigos, as leis nada solucionam. E a burguezia brazileira não estará convencida disso? Penso que sim. E porque não nos entrega, a nós, os trabalhadores, esta carangueijola? Entregue-nos isto e verá o que nós faremos! Uma delicia. Até Aurelinoff haveria de gostar... Diria: Que sim; que a sociedade anarquista é a sociedade ideal; que sempre fôra socialista; que aquelas coisas que fazia aos anarquistas eram simples brincadeiras...

Mas, não; os magnatas não nos entregarão nunca, de boamente, esta joça. E' necessario que a tomemos á força. Que os trabalhadores se aprestem. E' só um empurrão: a burguezia está pôdre. Os trabalhadores é que não sabem...

Plinio Saraiva

TARTUFOS

Quando rebentou esta horrivel guerra, que ensanguentou o mundo durante quatro longos anos, alguns burguezes declararam a falencia das idéas libertarias.

E riam-se a valer, olhando para nós outros, criticando-nos; o riso alvar destes velhacos fazia-me mal, até que um dia, tocou a nossa vez de rir.

Inverteram-se os papeis: a falencia é da burguezia, dessa classe parasitaria, que ha seculos vive agarrada ao nosso cachaço como os parasitas nas arvores seculares.

O riso ironico dos burguezes ficou amarelo, e pouco a pouco está ficando preto: os gajos, desta vez, estão tremendo e querem á viva força ver se impedem o curso das idéas libertarias.

O sol da liberdade começou a surgir nas geleiras eternas da Siberia, justamente nesse lugar onde se achavam os milhares de prisioneiros dos Romanofs, familia nefasta, que ha tantos anos desgovernava a querida Russia.

O sol da liberdade raiou justamente n'um lugar regado pelas lagrimas e pelo sangue das victimas dos principes e das princezas errantes; os seus raios bemfazejos estão chegando até nós, para nos libertar desta treva em que vivemos mergulhados.

Nota-se nas faces rochunchudas dos burguezes o medo estampado; é porque o pão com manteiga, á custa de nós outros, está acabando, e breve estarão no artigo 18 da Constituição Russa: — Quem não trabalha não come.

E como esses velhacos até o dia de hoje nada fizeram, com certeza, malandros como são, não estarão de acôrdo em aceitar o trabalho.

Eles, os pobres diabos, chegam a tal ponto de cinismo, que mandam os padres, caterva de malandros, pregarem nas fabricas asneirolas idiotas de paraiso terrestre e outras bobagens mais.

Inventam, caluniam, prégam as mais negras mentiras contra o Maximalismo, e ficam á espreita, á espera do sucesso das suas nefastas parvoices, pobre diabos...

Querer impedir a avalanche das idéas libertarias, é a mesma coisa que querer tapar o sol com a peneira.

O operario de hoje não é mais como era antigamente, não acredita mais nessas sandices do trabalho ser abençoado por Deus; si assim é, porque razão esses malandros de sotainas não trabalham?

Vivem comendo á tripa forra, á custa de meia duzia de ingenuos que lá vão, e que, infelizmente, acreditam nessa legião negra que ha seculos vive explorando a humanidade.

Ah, tartufos!

Estes dois parasitas, padre e burguez, hão de se convencer de que esta organização social já abriu falencia, e que os operarios conscientes, não acreditam mais, e nem podem acreditar, neste aranzel idiota de inferno: o seculo não composta sandices, idiotismos, ou toda e qualquer sorte de burrices pregadas por esta legião negra de batinas.

Jean Valjean

"NO CAFÉ"

Previne-se ao operariado dos estados, que desejarem obter exemplares do celebre folheto de Malatesta *No Café*, que enviem pedidos a José Ferrão, Caixa postal 1936, Rio. Só serão atendidos os pedidos acompanhados da respectiva importancia. O preço de cada exemplar é 400 réis. Outrosim fazemos cientes aos camaradas que o produto da venda deste folheto reverterá em favor do jornal *A Aurora*, do Porto, como indenização pelo prejuizo sofrido com a aprehensão, pela policia, da remessa enviada para o Rio.

Adquirir um exemplar desta obra é contribuir duplamente para a propaganda do ideal libertario.

O GRUPO EDITOR.

Administração

Entradas

Venda avulsa (ns. 1 e 2)	221$600
Assinaturas	65$000
Pacotes	22$500
Lista 29	40$000
De Belo Horizonte	85$006
Brochuras	12$600
Prof. D. Fantauzzi	5$000
	451$700

Saidas

Redação	28$000
Administração	48$500
Anuncios n'*A Razão*	10$000
Carretos	10$000
Passagens	8$000
Selos	9$000
Tipografia (8.000 exp.)	461$000
	574$500

Resumo

Entradas	451$700
Saldo anterior	1.246$600
	1.698$300
Saidas	574$500
Saldo	1.123$800

Rio, 19 de Agosto de 1919.

Santos Barboza.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa.*

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

Brochuras de propaganda

Dictadura policial — por Astrojildo Pereira......... $200

A familia em regimen comunista — trecho varios — edição da Liga Comunista Feminina $100

Livre exame — por Paraf-Javal.......... $200

Doze provas da inexistencia de Deus — por S. Faure $400

Glórgicas — por Neno Vasco (edição brazileira).......... $100

No Café — por Errico Malatesta.......... $400

O que é o maximismo ou bolchevismo — *Programa comunista* — por Helio Negro e Edgard Leuenroth — um belo volume de 128 paginas.. 1$000

Luta sindicalista revolucionaria — *Meios e finalidade* — por Carlos Dias — um volume de 104 paginas.......... $600

+ **Vendem-se nesta redação** +